ISSN: 2358-8829

A SEMANA DA LIBRAS COMO PRÁTICA EDUCATIVA ARTICULADORA DE TECNOLOGIAS, APRENDIZAGEM EM ESPAÇO NÃO FORMAL E PROTAGONISMO CULTURAL SURDO

Bruna Barros Cardoso [1]
David Alex Santos da Silva [2]
Leonardo Teixeira da Fonseca [3]
Sirlene Vieira de Souza [4]

1 Mestranda em Educação Inclusiva pelo PROFEI/UNEAL. Professora intérprete de Libras da Rede Municipal de Ensino de Garanhuns e da SEEPE. E-mail: bruna.cardoso.profei.t5@alunos.uneal.edu.br.
2 Especialista em Língua Brasileira de Sinais. Professor intérprete de Libras da Rede Municipal de Ensino de Garanhuns e da SEEPE. E-mail: alex.david2014@hotmail.com.
3 Mestrando em Educação Inclusiva pelo PROFEI/UNEAL. E-mail: leobygood@gmail.com.
4 Professora Doutora. Docente da UPE e do PROFEI/UNEAL. Orientadora do trabalho. E-mail: sirlene.souza@uneal.edu.br.

INTRODUÇÃO

A Semana da Libras é realizada anualmente em diferentes instituições de ensino como momento de valorização, visibilidade e difusão da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e das produções culturais da comunidade surda. A escolha desse período guarda relação com o dia 24 de abril, data da publicação da Lei nº 10.436/2002, marco legal que reconheceu a Libras como meio legal de comunicação e expressão e estabeleceu o apoio ao seu uso e à sua difusão. Mais recentemente, a Lei nº 14.191/2021 inseriu a Educação Bilíngue de Surdos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, reconhecendo a Libras como primeira língua e o português escrito como segunda língua nessa modalidade de ensino.

Esse percurso também se articula às discussões contemporâneas sobre a Política Nacional de Educação Bilíngue de Surdos (PNEBS), ainda em processo de elaboração, cujos princípios divulgados pelo Ministério da Educação destacam a centralidade da Libras na organização pedagógica, a formação de profissionais, a produção de materiais adequados e a valorização das especificidades linguísticas e culturais dos estudantes surdos. Nesse cenário, a Semana da Libras pode ultrapassar o caráter meramente comemorativo quando cria situações efetivas de uso da língua, amplia a convivência entre surdos e ouvintes e reconhece pessoas surdas como referências linguísticas, culturais e artísticas.

A experiência relatada neste trabalho foi desenvolvida em uma escola pública municipal de Garanhuns, Pernambuco, com participação de estudantes, professores e outros integrantes da comunidade escolar. Entre os estudantes estavam um aluno surdo dos anos iniciais do Ensino Fundamental e uma estudante surda da etapa final da Educação de Jovens e Adultos. A programação articulou atividades com Libras, jogos, recursos tecnológicos, gêneros textuais e práticas culturais, culminando em uma ação realizada em um parque da cidade com participação

ISSN: 2358-8829

de artistas surdos locais que desenvolveram contação de histórias em Libras, humor, personagens circenses e elementos das artes cênicas.

A proposta buscou evitar que os estudantes surdos aparecessem apenas como destinatários de ações inclusivas. Ao contrário, procurou colocar a Libras e as experiências culturais surdas em evidência diante da comunidade escolar. Esse movimento aproxima-se da perspectiva histórico-cultural de Vigotski (2007), segundo a qual a aprendizagem e o desenvolvimento se constituem nas relações sociais e nos processos de mediação. Também dialoga com Strobel (2016), para quem a cultura surda se relaciona às formas pelas quais o sujeito surdo compreende e transforma o mundo a partir de suas experiências visuais, e com Cardoso e Souza (2025), que discutem as artes cênicas como espaço de produção estética, cultural e identitária protagonizada por pessoas surdas.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é analisar a Semana da Libras como prática educativa de caráter interventivo, considerando as mediações construídas entre escola, comunidade e espaço não formal de aprendizagem, com ênfase no protagonismo de estudantes e artistas surdos e na articulação entre Libras, tecnologias e manifestações artístico-culturais.

METODOLOGIA

O trabalho caracteriza-se como relato de experiência de abordagem qualitativa e caráter interventivo. A opção por essa abordagem decorre da natureza da experiência analisada, centrada nas interações, nas práticas pedagógicas e nos sentidos produzidos no decorrer das atividades. O percurso aproxima-se da observação participante, uma vez que os professores envolvidos atuaram diretamente na organização, realização e acompanhamento das ações. Cervo, Bervian e Silva (2007) destacam a importância do contato direto do pesquisador com a situação investigada nas pesquisas de natureza qualitativa; Cardoso e Souza (2025), em experiência anterior no campo artístico-cultural, também recorreram à observação participante para analisar práticas em que os pesquisadores estavam inseridos no contexto observado.

A experiência foi organizada em dois movimentos articulados. O primeiro ocorreu no ambiente escolar e envolveu atividades com diferentes turmas, utilizando Libras, jogos, recursos tecnológicos e propostas relacionadas a gêneros textuais. O segundo correspondeu à culminância realizada em um parque da cidade, compreendido como espaço não formal de aprendizagem. Nesse momento, estudantes e profissionais da escola participaram de apresentações realizadas por artistas surdos parceiros, envolvendo narrativas sinalizadas, humor, personagens circenses e outras expressões das artes cênicas.

ISSN: 2358-8829

A análise foi construída a partir dos registros e das observações produzidos durante as ações e organizada em três eixos: a circulação da Libras e o envolvimento da comunidade escolar; o protagonismo dos estudantes e artistas surdos; e a ampliação das experiências educativas para além do espaço físico da escola. Não se pretende generalizar os resultados para outras instituições, mas discutir uma experiência situada e suas possibilidades pedagógicas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão da Semana da Libras como experiência educativa parte, inicialmente, da noção de mediação. Na perspectiva histórico-cultural, Vigotski (2007) compreende que a aprendizagem não ocorre de maneira isolada, mas nas relações sociais e culturais estabelecidas entre os sujeitos. Linguagem, interação e instrumentos participam da construção do conhecimento. No caso desta experiência, a mediação não se concentrou apenas na atuação docente: estudantes surdos e ouvintes, artistas, Libras, tecnologias e diferentes espaços participaram da produção dos sentidos construídos ao longo da Semana.

Outro eixo fundamental é a cultura surda. Strobel (2016) relaciona a cultura surda às formas pelas quais os sujeitos surdos interpretam e transformam o mundo a partir de suas percepções visuais. Essa compreensão permite reconhecer que a Libras não deve ser tratada somente como recurso de acessibilidade. Ela circula em narrativas, humor, literatura, teatro, performances e outras práticas culturais. Cardoso e Souza (2025) destacam que essas manifestações são atravessadas pela visualidade, pela língua de sinais e pela identidade surda, e defendem a ampliação da presença de pessoas surdas como artistas e produtoras culturais.

Essa perspectiva aproxima-se de Rögelin, Rocha e Rigo (2020), que problematizam a compreensão do surdo apenas como consumidor de produções artísticas ouvintes e destacam experiências bilíngues que valorizam a Libras e a atuação artística de pessoas surdas. Na Semana da Libras aqui analisada, a presença de artistas surdos produzindo narrativas, personagens, humor e performance ofereceu aos estudantes referências concretas de participação cultural e deslocou a surdez de uma posição centrada na deficiência para uma posição de autoria e produção cultural.

Por fim, a experiência dialoga com a educação em espaços não formais. Paz, Reis e Brito (2025) apresentam a educação como prática viva e situada, construída também nos encontros, nos territórios e nas práticas comunitárias. Gohn (2006) igualmente compreende a educação não formal como processo que se desenvolve em diferentes espaços de participação social. Desse modo, realizar a culminância em um parque não significou apenas transferir uma atividade

escolar para outro local, mas ampliar o território educativo e aproximar escola, comunidade, Libras e produção cultural surda.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência evidenciou, em primeiro lugar, uma ampliação da presença da Libras no cotidiano escolar. Durante a Semana, a língua deixou de aparecer apenas nos momentos de interpretação ou de atendimento aos estudantes surdos e passou a circular em atividades dirigidas a diferentes turmas e profissionais. Jogos, recursos tecnológicos e propostas pedagógicas favoreceram a aproximação de estudantes ouvintes com a Libras; contudo, o aspecto mais relevante foi a mudança do lugar simbólico ocupado pela língua e pelos próprios estudantes surdos.

Em muitos contextos educacionais, o estudante surdo é apresentado principalmente a partir da necessidade de adaptações, interpretação ou atendimento especializado. Na experiência analisada, buscou-se um movimento diferente: valorizar também aquilo que esses estudantes traziam linguisticamente e culturalmente para a escola. A participação de um estudante dos anos iniciais do Ensino Fundamental e de uma estudante da etapa final da EJA mostrou que, apesar das diferentes idades e trajetórias escolares, ambos podiam estar inseridos em uma programação na qual a Libras ocupava posição central. Essa dimensão se aproxima de Strobel (2016), ao compreender a língua e a cultura surda como constitutivas de formas próprias de perceber e significar o mundo.

O segundo eixo observado foi a relação entre protagonismo surdo e produção artística. A culminância no parque possibilitou o encontro dos estudantes com artistas surdos que desenvolviam contação de histórias, teatro, humor e performances circenses em Libras. Nesse momento, os estudantes não estavam diante apenas de profissionais ouvintes falando sobre cultura surda; estavam diante de pessoas surdas utilizando a própria língua para produzir arte, narrativa, personagens e humor. Essa presença possui dimensão pedagógica relevante porque amplia as referências disponíveis aos estudantes surdos e modifica a percepção dos colegas ouvintes sobre a participação social e cultural das pessoas surdas.

Cardoso e Souza (2025) defendem que o protagonismo surdo nas artes exige reconhecer as pessoas surdas como artistas, criadoras e produtoras culturais, e não somente como público de produções acessibilizadas. A experiência realizada durante a Semana aproximou-se dessa perspectiva ao colocar artistas surdos em posição central e favorecer o contato dos estudantes com produções que nasciam da própria Libras e de formas visuais de expressão.

ISSN: 2358-8829

O terceiro eixo refere-se à aprendizagem em espaço não formal. A realização da culminância em um parque permitiu que a ação se deslocasse do ambiente convencional da escola para um território social mais amplo. O parque não funcionou apenas como cenário; tornou-se, naquele momento, espaço de circulação linguística, convivência e produção cultural. A discussão de Paz, Reis e Brito (2025) ajuda a compreender esse movimento ao defender que a educação também se constrói nos territórios e nas experiências que acontecem fora do espaço escolar formal.

Nesse sentido, a Semana da Libras não apenas levou a cultura surda para dentro da escola. Em movimento inverso, levou também a escola a um espaço público em que a Libras e a produção artística de pessoas surdas podiam circular socialmente. As tecnologias utilizadas ao longo da programação contribuíram para jogos e práticas pedagógicas, mas a experiência também mostrou que o recurso tecnológico, isoladamente, não produz participação. Sua contribuição depende da forma como é articulado aos sujeitos, aos objetivos e às práticas de linguagem.

Foram percebidos ainda desafios, especialmente a resistência de alguns profissionais ao uso de tecnologias e à realização de atividades fora dos espaços convencionais da escola. Esse aspecto indica que propostas inclusivas que rompem com o formato tradicional de aula exigem planejamento, negociação e trabalho coletivo. Ainda assim, a experiência mostrou que a Semana da Libras pode adquirir outra dimensão quando deixa de se restringir a uma programação alusiva e passa a promover participação direta de pessoas surdas, interação real e valorização de suas produções culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência analisada permite considerar que a Semana da Libras pode ultrapassar o caráter exclusivamente comemorativo e constituir-se como prática educativa capaz de articular língua, cultura, tecnologias e diferentes espaços de aprendizagem. A relação com o dia 24 de abril permanece importante por recuperar o marco histórico do reconhecimento legal da Libras, mas celebrar essa conquista pode significar mais do que realizar atividades alusivas à data: pode criar situações concretas em que a língua circule, os estudantes surdos tenham suas experiências valorizadas e artistas surdos ocupem posições de protagonismo.

O envolvimento da comunidade escolar ampliou a presença da Libras durante a programação e favoreceu experiências de interação entre surdos e ouvintes. O encontro com artistas surdos contribuiu para deslocar representações centradas apenas na deficiência e na necessidade de acessibilidade, enquanto a culminância realizada em espaço não formal

evidenciou que os processos educativos podem se ampliar quando a escola estabelece relações com outros territórios, sujeitos e práticas sociais.

Uma única Semana da Libras não é suficiente para modificar, de forma permanente, as práticas inclusivas de uma instituição. No entanto, a experiência evidencia possibilidades concretas de transformar uma programação comemorativa em experiência educativa, linguística e cultural. Mais do que levar informações sobre surdez para dentro da escola, a proposta possibilitou aproximar a escola dos espaços em que a vida linguística, artística e cultural das pessoas surdas efetivamente acontece.

Palavras-chave: Libras; Semana da Libras; Espaço não formal; Protagonismo surdo; Tecnologias educacionais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002.

BRASIL. Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, DF: Presidência da República, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Políticas de educação bilíngue de surdos. Brasília, DF: MEC, 2025.

CARDOSO, Bruna Barros; SOUZA, Sirlene Vieira de. O intérprete de Libras como produtor cultural: mediação para o protagonismo surdo nas artes cênicas. In: PAZ, José Flávio da; REIS, Janete Teresinha; BRITO, Lucas Ferreira de (org.). Ensinar onde a vida acontece: práticas e mediações pedagógicas em ambientes (não) escolares. 1. ed. Joinville: Clube de Autores, 2025. p. 71-98. ISBN 978-65-5480-365-6. DOI: 10.29327/5636645.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

PAZ, José Flávio da; REIS, Janete Teresinha; BRITO, Lucas Ferreira de (org.). Ensinar onde a vida acontece: práticas e mediações pedagógicas em ambientes (não) escolares. 1. ed. Joinville: Clube de Autores, 2025. 304 p. ISBN 978-65-5480-365-6. DOI: 10.29327/5636645.

RÖGELIN, C.; ROCHA, G. S.; RIGO, N. S. Traduzindo a canção Seule ce soir para dança em Libras. In: RIGO, N. S. (org.). Textos e contextos artísticos e literários: tradução e interpretação em Libras. Petrópolis: Arara Azul, 2020.

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.